



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB**  
**FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS –**  
**FATECS**

**GABRIELLI MAYUMI NICOLAU**

**A COBERTURA DA PAUTA DE DESIGUALDADE**  
**EM TEMPOS DE CRISE POLÍTICA**

**Brasília**  
**2017**

**GABRIELLI MAYUMI NICOLAU**

**A COBERTURA DA PAUTA DE DESIGUALDADE  
EM TEMPOS DE CRISE POLÍTICA**

Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica  
apresentado à Assessoria de Pós-Graduação e  
Pesquisa pela Faculdade de Tecnologia e  
Ciências Sociais Aplicadas – Fatecs.

Orientação: Gilberto Gonçalves Costa

**Brasília  
2017**

*“O problema da desigualdade social não é a falta de dinheiro para muitos, e sim o excesso nas mãos de poucos”.*

*(Autor desconhecido)*

## RESUMO

Este artigo aborda a construção social da realidade e tenta contribuir com o debate sobre a relação entre a reportagem de acontecimentos na imprensa e as análises dos fatos considerados de interesse público com a manutenção de valores sociais e do status quo. O pressuposto é que o jornalismo tem dinâmicas que influenciam e sofrem influência dos fatos que a rigor apenas reportam. O estudo apresenta resultados de pesquisa que analisa cerca de 80 reportagens, notas e artigos de opinião da grande imprensa que citam desigualdade social. Os textos foram publicados nos sites da Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo e O Globo, entre 1º de janeiro e 25 de abril de 2016 – período que marca o fim do governo Dilma Rousseff. De acordo com o observado, a maior parte do material publicado se dividiu entre as seções de Economia e Opinião, em textos predominantemente assinados. Apesar das diversas dimensões da desigualdade no Brasil, grande parte das publicações não qualifica a natureza do problema; a maioria absoluta tem no máximo uma fonte de informação, há pouquíssima margem para visões contraditórias e é insignificante a aparição do cidadão comum nas matérias, seja como personagem da notícia, testemunha ou fonte de informação. Ressalta-se que a cobertura das pautas de política e economia no período indicado mereceu questionamento e protestos dos movimentos sociais, intelectuais, parlamentares de esquerda e quadros do antigo governo. As críticas sobre eventual tendenciosidade da cobertura se restringiu, no entanto, à divulgação de denúncias da Operação Lava Jato, ao noticiário sobre os três Poderes e a respeito das manifestações em favor e contra o governo e o Partido dos Trabalhadores. Não se verificou um debate aprofundado sobre a evolução da cobertura dos históricos problemas brasileiros, como é o caso da desigualdade social, no cenário da crise. Nesse sentido, o artigo colabora para suscitar a discussão sobre o feitiço da cobertura, que omite aspectos do problema e, assim, acaba por contribuir com o quadro social e a reprodução simbólica da realidade.

**Palavras-chave:** Desigualdade. Jornalismo. Construção social da realidade. Reprodução simbólica.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>5</b>
<b>1 DESIGUALDADE NO BRASIL</b> .....	<b>6</b>
1.1 NATURALIZAÇÃO DA DESIGUALDADE .....	7
<b>2 RECURSOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS</b> .....	<b>9</b>
<b>3 PERFIL DAS MATÉRIAS ANALISADAS</b> .....	<b>12</b>
3.1 NOTICIOSOS OU OPINATIVOS .....	13
3.2 TEMAS DA DESIGUALDADE .....	15
3.3 FONTES CITADAS .....	16
<b>4. ANÁLISE DE CONTEÚDO</b> .....	<b>18</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>19</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>22</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>24</b>

## INTRODUÇÃO

O Brasil ocupa a 79ª posição no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), com uma nota de 0,754 que preserva o país no patamar considerado alto pela Organização das Nações Unidas (ONU). Entretanto, é a primeira vez em que o Brasil não subiu uma posição no ranking divulgado no Relatório do Desenvolvimento Humano (RDH) 2016, pois o indicador social caiu para 0,561. A desigualdade social pode ser considerada uma das mais importantes condições estruturantes da sociabilidade brasileira.

No primeiro capítulo há uma contextualização sobre a desigualdade no Brasil e como ela é naturalizada, ao mesmo tempo, por meio de ações cotidianas e pela imprensa.

O capítulo seguinte explica os recursos teóricos e metodológicos utilizados, em uma tentativa de contribuir para o debate sobre eventual papel da imprensa na formação de valores e na naturalização de problemas da sociedade.

O terceiro capítulo desenvolve as análises feitas sobre as 79 reportagens, notas e artigos de opinião de grandes jornais que citam desigualdade social publicadas entre janeiro e abril de 2016, período do processo final de impeachment de Dilma Rousseff, pelos sites da Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo e O Globo.

Nos apêndices, há quadros ilustrativos e o formulário utilizado para reunir as informações necessárias para a realização desse estudo.

## 1 DESIGUALDADE NO BRASIL

Com mais de 200 milhões de habitantes<sup>1</sup>, o Brasil ocupa a 79ª posição no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)<sup>2</sup>, de acordo com o Relatório do Desenvolvimento Humano (RDH) 2016, lançado em março de 2017. Enquanto a nota de 0,754 preserva o país no patamar considerado alto pela Organização das Nações Unidas (ONU), o indicador social caiu para 0,561. Desde 1990, essa foi a primeira vez que o Brasil não subiu nenhuma posição no ranking.

Apesar de o Brasil ter o 5º maior IDH da América do Sul, ele é o 4º país mais desigual da América Latina e o 10º no mundo. O estudo da ONU mostrou, ainda, que o percentual de desigualdade de renda no Brasil é maior que a média da América Latina, incluindo os países do Caribe. Assim, cerca de

um terço da população dispõe de condições de educação e vida comparáveis às de um país europeu. Outro terço, entretanto, se situa num nível extremamente modesto, comparável aos mais pobres padrões afro-asiáticos. O terço intermediário se aproxima mais do inferior que do superior (JAGUARIBE, 2008).

Segundo o Relatório da Distribuição Pessoal da Renda e da Riqueza da População Brasileira, um estudo realizado pelo Ministério da Fazenda com dados do Imposto de Renda Pessoa Física (IRPF) 2015/2014, apenas 8,4% da população se apropria de 59,4% da riqueza no Brasil, evidenciando que a distribuição de riqueza apresenta elevado grau de concentração.

Em janeiro de 2017, a Oxfam Brasil publicou um documento informativo chamado *Uma economia para os 99%* que mostra que, nos últimos 25 anos, apenas 1% das pessoas mais ricas da população mundial obtiveram uma renda maior que as 50% mais pobres. Outro estudo feito pela Oxfam revelou que os 1.810 bilionários incluídos na lista da Forbes de 2016 (dos quais 89% são homens) possuem a mesma riqueza que os 70% mais pobres da humanidade.

Nascida no corpo social, a desigualdade deve-se ao modo como são produzidas e distribuídas a riqueza e a renda. Não há determinismo econômico no acesso a estas, pois é uma construção histórica, feita em sociedade e, por isso, política (PIKETTY, 2013). Entretanto, não é possível atribuir totalmente a culpa pela desigualdade às políticas públicas ou aos governadores, pois as práticas desiguais

---

<sup>1</sup> Segundo projeção do IBGE em 24/08/2017, a população do Brasil é de 207,9 milhões de pessoas. Ver <http://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html> (acessado e às 14h57).

<sup>2</sup> O IDH varia de 0 a 1, sendo que quanto mais perto de 0, mais igualitário é o país.

são consolidadas e reproduzidas diariamente, sustentadas pelas ações da sociedade (SPINK, 2006).

No entendimento de Cardoso, a desigualdade social pode ser considerada uma das mais importantes condições estruturantes da sociabilidade brasileira. Para ele,

a sociedade não é igualitária, mas a desigualdade não é excludente, ou melhor, é percebida como prenhe de oportunidades de auto-realização, autonomia individual e exercício de liberdade em um patamar aceitável dadas as preferências e expectativas construídas ao longo do tempo (CARDOSO, 2004, p. 127-128).

### 1.1 NATURALIZAÇÃO DA DESIGUALDADE

A desigualdade não é um fato isolado, é algo naturalizado no dia a dia das pessoas. Ela apresenta-se, segundo Spink, em “pequenos acontecimentos heterogêneos nos múltiplos cotidianos e lugares que formam o país; presente em materialidades e sociabilidades que também se constituem mutuamente” e há

a naturalização da desigualdade enquanto processo que sustenta uma socialidade nefasta e sem solidariedade se faz pela sua materialidade. O problema é posto como sendo um problema com a calçada e a solução é institucional (...). Não há uma discussão sobre a coletividade em termos substantivos, sobre a materialidade do público (SPINK, 2006, p. 105).

Souza afirma que a desigualdade e sua naturalização no cotidiano são modernas e que, ao contrário de ser personalista, “a desigualdade brasileira [por exemplo] retira sua eficácia da ‘impessoalidade’ típica dos valores e instituições modernas”, tornando-a opaca e de difícil percepção.

Via de produção, expressão e recriação de representações sociais dominantes, a imprensa pode ser considerada um dos mecanismos de construção simbólica que pode favorecer a naturalização de processos sociais. A visão é que o noticiário cria “tipos sociais” e que gera um impacto emocional no leitor, geralmente irreflexivo. Desse modo, essa “relação emocional e não-reflexiva em relação a determinados conteúdos sociais facilita o desenvolvimento e a naturalização de tipos sociais carregados de preconceito” (REY, 2006, p. 157).

Conforme Spink, o jornal faz parte da vida cotidiana e, apesar de mostrar a desigualdade, não é bom nem ruim, mas algo tão contraditório quanto qualquer outra gama de acontecimentos e possibilidades. Ao mesmo tempo em que aponta e denuncia a desigualdade, o jornal também a naturaliza (SPINK, 2006, p. 90).

Para Maia, a desigualdade não é natural, mas uma construção social e que “quando a desigualdade é naturalizada, ela passa a instituir o poder da opressão



social”. É necessário revelar os mecanismos que reproduzem as desigualdades para que seja possível a sociedade civil enfrentá-las por meio da cidadania ativa, “buscando a garantia da justiça de gênero, da igualdade racial, dos direitos humanos e o aprofundamento da democracia” (MAIA, 2016, p. 3).

## 2 RECURSOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

A presente pesquisa quer lançar luz sobre esses mecanismos e contribuir para o debate sobre eventual papel da imprensa na formação de valores e na naturalização de problemas da sociedade, conforme apontado acima pelos especialistas. Para isso, coletou, classificou e analisou 79 reportagens, notas e artigos que continham a expressão “desigualdade social”, e foram publicados pelos sites dos três principais jornais brasileiros entre 1º de janeiro a 25 de abril de 2016.

O método de pesquisa escolhido foi a análise de conteúdo, que explora recursos de mensuração da pesquisa quantitativa e utiliza a interpretação peculiar das pesquisas qualitativas. Os dois expedientes articulados ampliam o entendimento sobre o objeto de estudo. Os resultados quantitativos da análise de conteúdo dos jornais guardam relação com os quadros de referência que as notícias podem ter. Esses enquadramentos correspondem às expectativas de entendimento e classificação que orientam a percepção dos leitores e organizam o trabalho dos jornalistas ao selecionar aspectos da realidade e torná-los mais evidentes em detrimento de outros.

A noção de enquadramento apropriada pela sociologia norte-americana do jornalismo, notadamente a linha evolutiva do chamado agenda-setting, serve para perceber padrões de apresentação e interpretação das notícias. Em poucas palavras, “enquadrar” quando nos referimos ao trabalho feito pela imprensa significa selecionar aspectos da realidade e torná-los mais evidentes em detrimento de outros.

A referida noção de enquadramento tem origem no pensamento de Erving Goffman. A ideia surge no livro *A representação do Eu na Vida Cotidiana* (original de 1959), que cita “quadros de referência”; e é aprofundada no livro *Frame Analysis* (original de 1974).

No segundo livro, que utiliza entre seus exemplos “anedotas extraídas da imprensa”, o sociólogo se propôs a isolar algumas estruturas básicas (frameworks) para estabelecer sentido aos eventos na sociedade. Ao manipular esses quadros de referência, Goffman desejava analisar eventuais vulnerabilidades e forças para a sua perpetuação.

Quadro é a palavra que uso para me referir a esses elementos básicos que sou capaz de identificar. Esta é a minha definição de quadro. Minha expressão “análise de quadros” é um slogan para referir-me ao exame, nesses termos, da organização da experiência. (GOFFMAN, 2012: 34)

Os quadros servem como “esquemas primários” de entendimento e classificação que orientam a percepção, inclusive a seleção de acontecimentos feita pelos jornalistas para contar uma história.

Apenas os acontecimentos extraordinários são notícia, e mesmo estes são submetidos à “violência editorial” praticada rotineiramente por redatores afáveis. Nossa compreensão do mundo precede essas histórias, determinando quais delas os repórteres selecionarão e como serão contadas aquelas que foram selecionadas (Idem, 38).

O mecanismo do esquema primário, partilhado socialmente é gerador de “conforto” a quem toma conhecimento de um fato novo, pois aciona a compreensão original e estável do mundo (ou o “esquema dos esquemas”), favorecendo certo conservadorismo das percepções e opiniões.

Quando ocorre um acontecimento surpreendente, os indivíduos em nossa sociedade esperam que se descubra logo uma explicação 'simples' ou 'natural', uma explicação que esclareça o mistério e os devolva ao âmbito das forças e agentes com os quais estão habituados e a linha divisória que normalmente traçam entre fenômenos naturais e ações guiadas. Certamente os indivíduos mostram considerável resistência a modificar seu esquema de esquemas (Idem, 53).

Dizendo de outra forma, os esquemas primários alimentam “expectativas normativas” sobre os fatos e sobre as fontes que o repórter entrevistará para fazer sua matéria. Imputamos (às vezes por “retrospecto potencial”) qualidades (e estigmas) às fontes que buscamos.

Esse mecanismo (que tende à estabilidade dos fatos noticiados) é fundamental para a reprodução simbólica da situação social e vai garantir aos repórteres e seus leitores o “reconhecimento cognitivo” reafirmado a cada matéria.

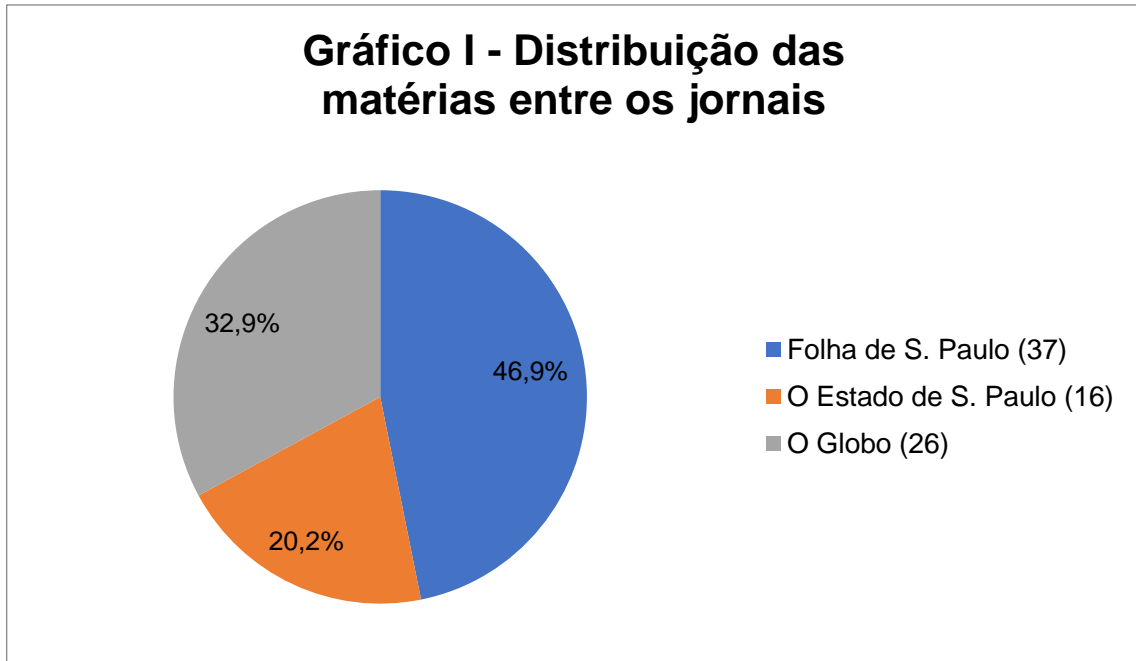
Um aspecto interessante assinalado por Goffman é que os esquemas primários enquadram o que é real e assim “transformam” os acontecimentos de acordo com as disposições assimiladas. Nesse sentido, o enquadramento antecede os fatos; e as notícias novas que emergirão estarão sempre numa zona de conforto familiar, estável e segura, do conhecimento prévio e da opinião já formulada pelos leitores.

O real ou o que está acontecendo efetivamente assemelha-se bastante a uma mistura que contém acontecimentos percebidos dentro de uma perspectiva primária e também acontecimentos transformados, quando estes são identificados em termos do seu status enquanto transformações. E a isto deve-se acrescentar o real que é construído retrospectivamente – trazido a mente devido a nossa maneira de definir algo como não qualificado dessa maneira (Idem, 75).

A perspectiva aqui é que o jornalismo, não independente dos interesses políticos e comerciais dos veículos de comunicação, lida com o real transformado em familiar para os leitores. Isso se dá pelos esquemas primários partilhados por quem produz a notícia – na divisão convencional do trabalho: o pauteiro que encomenda a matéria e prevê fontes; o repórter que apura a informação, seleciona aspas, contextualiza, recolhe dados e redige a matéria; o editor que corrige, reescreve e publica o texto; o articulista e o editorialista que depois comentam e repercutem os fatos.

### 3 PERFIL DAS MATÉRIAS ANALISADAS

Do total da amostra, 37 textos foram publicados pela Folha de S. Paulo (46,9%); 26 saíram em O Globo (32,9%); e 16 foram lidos nas páginas (impressas e/ou virtuais) de O Estado de S. Paulo (20,2%).

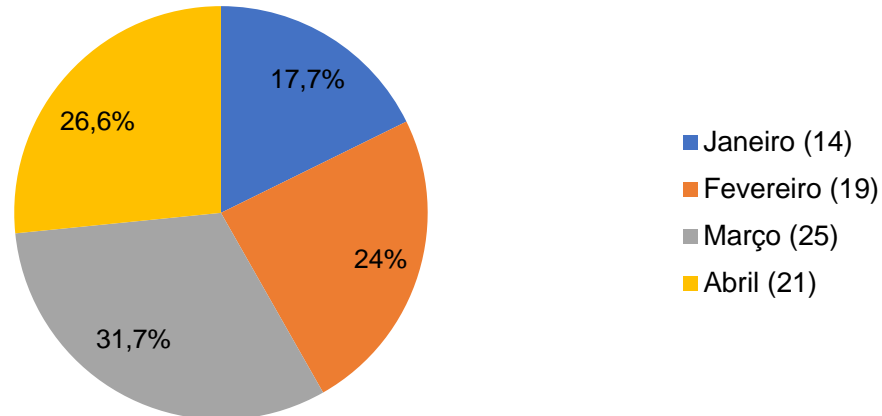


O período de análise corresponde a quase cinco meses finais (116 dias) do governo Dilma Rousseff em 2016 (133 dias de duração total), época que antecede o afastamento prévio e depois definitivo, por impeachment, da presidente eleita em 2014<sup>3</sup>.

Durante esse período, 14 matérias foram publicadas em janeiro (17,7%), 19 saíram em fevereiro (24%), 25 circularam em março (31,7%) e 21 foram editadas em abril (26,6%). Em todos esses meses, o dia que houve mais exposição do tema da desigualdade social foi 21 de fevereiro (sete matérias). O segundo dia que mais se citou a desigualdade foi 10 de abril (cinco matérias).

<sup>3</sup> O dia 25 de abril é a data de instalação da Comissão Especial do Senado que analisou o processo de impeachment autorizado pela Câmara dos Deputados em 17 de abril. O julgamento definitivo ocorre no Plenário do Senado em 31 de agosto e representa o desfecho ao gesto do então presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, que acolheu um dos pedidos de impeachment contra Dilma Rousseff em 2 de dezembro de 2015.

**Gráfico II - Distribuição das matérias entre os meses**



### 3.1 NOTICIOSOS OU OPINATIVOS

Na primeira data, o caderno de Economia de O Globo dedicou três matérias à desigualdade de gênero explorando a sobrecarga de trabalho das mulheres casadas, que acumulam os afazeres do trabalho remunerado com as atividades domésticas. Desse conjunto uma era entrevista e dois textos tinham como base indicadores sociais. Dados de pesquisa secundária também foram citados em nota de O Globo, e em matéria da Folha de S. Paulo - que também tratou do assunto em entrevista<sup>4</sup>.

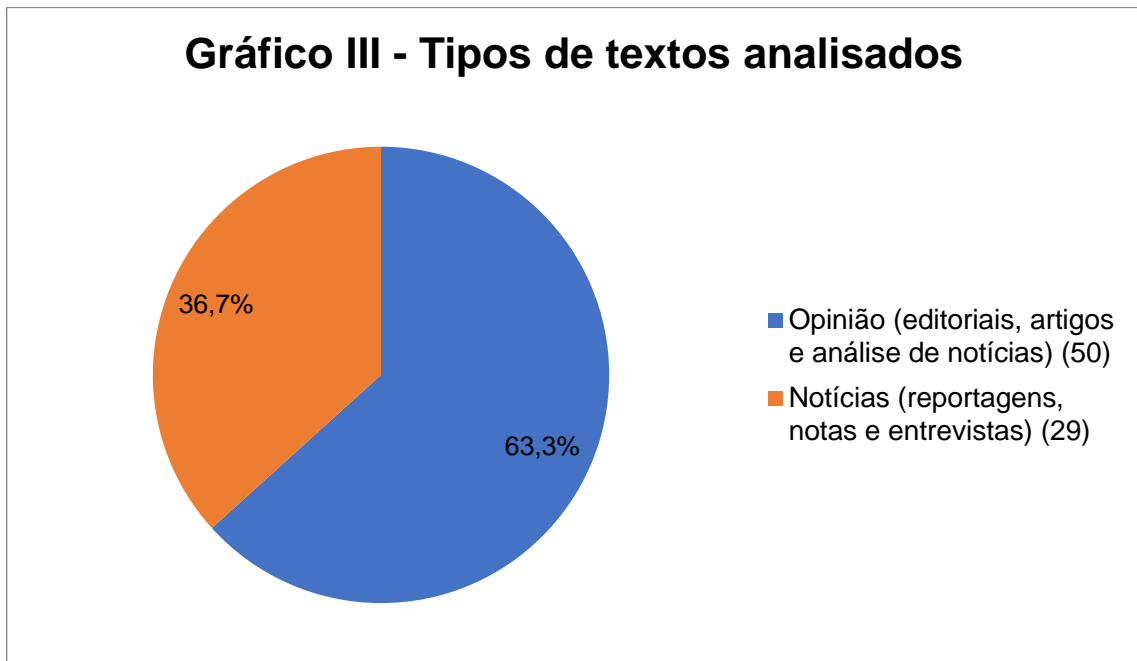
Diferente do que aconteceu em 21 de fevereiro, quando as matérias que citam desigualdade tinham um conteúdo noticioso; no dia 10 de abril, o assunto foi tema de textos opinativos como: o editorial de O Globo criticando a condução econômica a partir do segundo mandato do ex-presidente Lula, e o artigo de Henrique Meirelles

<sup>4</sup> O caderno de Economia publicou “Que horas ele chega? Mulher trabalha cada vez mais que homem”; “Casamento sobrecarrega mulher” e “Entrevista [com a representante da ONU Mulheres no Brasil, Nadine Gasman] Igualdade só daqui a 80 anos, diz ONU”. Além das reportagens e da entrevista, o tema da desigualdade social também esteve em O Globo na nota publicada na coluna de Ancelmo Gois “Cinema nacional: apenas 2% dos diretores são negros” e foi abordado na reportagem “PT quer correção da tabela do IR este ano” (com chamada de primeira página). A Folha de S. Paulo também publicou duas matérias no dia citando a desigualdade, mas sem aprofundar no cunho social: “Dívida de empresas de emergentes pode levar a novo colapso global” (entrevista com o antropólogo americano David Graeber, professor da universidade de Londres) e “Número de eleitores anti-PT cresce no país, aponta estudo”.

(então ex-presidente do Banco Central no governo Lula e candidato a ministro da Fazenda em provável governo Temer) defendendo políticas de ajuste fiscal.

Além desses, o caderno Ilustríssima, da mesma Folha, reproduziu em enquete os comentários de mais de 30 intelectuais sobre o impeachment. A desigualdade foi abordada nos comentários de José Miguel Wisnik (músico e ensaísta); Laura de Mello e Souza (historiadora) e José Márcio Camargo (economista).

Vale assinalar que em toda a amostra o padrão de textos observados no dia 10 de abril (opinativos) é mais recorrente do que foi visto em 21 de fevereiro (noticiosos). Assim, cinquenta dos 79 textos coletados (63,3%) são opinativos (editoriais, análise de notícias, artigos de colunistas, de colaboradores permanentes ou de colaboradores eventuais – jornalistas ou não). As 29 matérias restantes (36,7%) têm o perfil mais noticioso (reportagens, notas e entrevistas).



Vistos individualmente, a distribuição em cada jornal varia bastante. Assim, mais de 91% dos textos publicados na Folha tinham o perfil opinativo, enquanto em O Globo essa proporção foi de 61,5% e no Estadão verificou-se uma divisão equilibrada entre textos noticiosos e textos opinativos (50% para cada lado).

Sete de cada dez textos coletados com citação sobre desigualdade (70,8%) são assinados. Os nomes mais recorrentes confirmam a tendência mais opinativa do que noticiosa da cobertura. Esse é o caso dos colunistas Hélio Schwartsman (Folha) e Fernando Dantas (Estadão) com três artigos selecionados.

Depois desses, as assinaturas mais recorrentes foram de Fernando Canzian e Clóvis Rossi (colunistas da Folha), Antonio Gois (colunistas de O Globo), Cristovam Buarque (colaborador permanente de O Globo) e José Márcio Camargo (colaborador permanente de O Estadão). A exceção de Antonio Gois, nenhum dos referidos articulistas têm suas colunas com perfil dedicado exclusivamente à pauta social.

Em cada um dos três jornais foi majoritária a presença de textos assinados. Em O Globo, 77% das matérias eram assinadas, seis pontos percentuais a mais do que o verificado na Folha. No Estadão notou-se o predomínio de textos assinados um pouco menor (62,5%). O equilíbrio entre textos opinativos e textos noticiosos no caso do Estadão, conforme apontado anteriormente, ajuda a compreender essa diferença (editoriais não são assinados).

O perfil opinativo com viés econômico é confirmado na distribuição dos textos segundo a editoria. Quase 37% dos textos foram publicados em seções de opinião e mais de 31% foram lidos em cadernos especializados em economia. No Estadão, o caderno de Economia tem mais peso na cobertura (56,25%). Em O Globo, a seção com mais matérias coletadas foi a de opinião. Na Folha de S. Paulo, verificou-se uma melhor distribuição entre essas duas editorias e as demais.

### 3.2 TEMAS DA DESIGUALDADE

A desigualdade social tem diferentes causas e consequências. Entre as diversas modalidades de iniquidade reportada pelos jornais nos cerca de cinco meses de coleta, se destaca o interesse pelas pautas que permitem a mensuração do fenômeno, como anos de estudo, número de empregados e desempregados, e rendimentos.

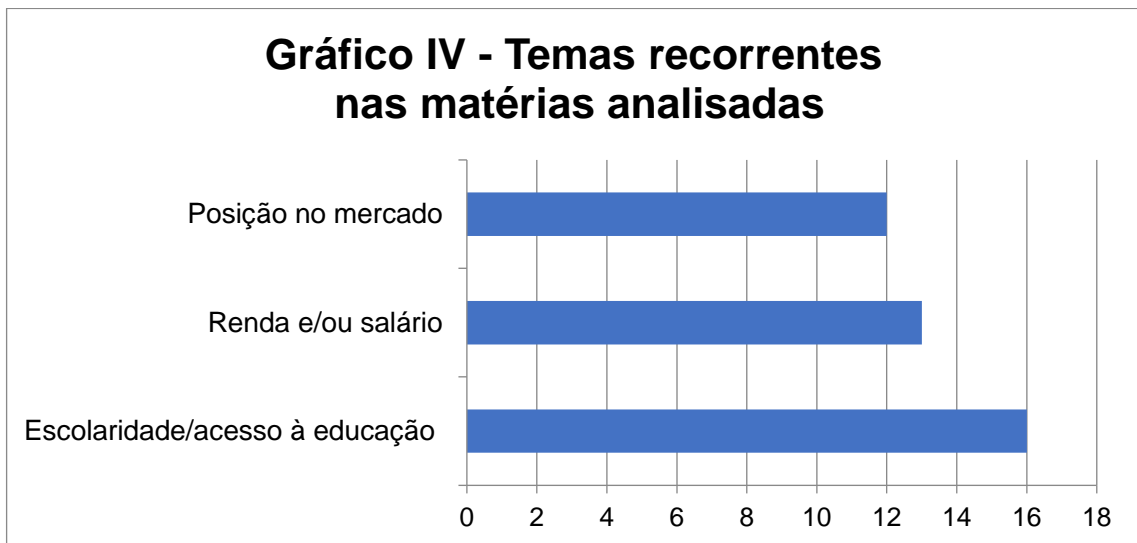
A escolaridade e o acesso à educação foram tratados em 16 matérias (20,2%). Renda e/ou salário mereceram referências em 13 matérias (16,4%), enquanto a posição no mercado de trabalho foi abordada em 12 matérias (15,1%). Naturalmente, os textos podem tratar de mais de um aspecto da desigualdade, logo a distribuição das frequências não são exclusivas e os percentuais não podem ser somados.

Além desses tipos de desigualdade social, também são reportadas as iniquidades de acordo com o gênero, a participação política, o recebimento de



benefícios e o posicionamento nos índices de Desenvolvimento Humano e de Gini (tratados em cinco matérias cada um). A questão de cor/raça mereceu uma matéria a menos no total (quatro).

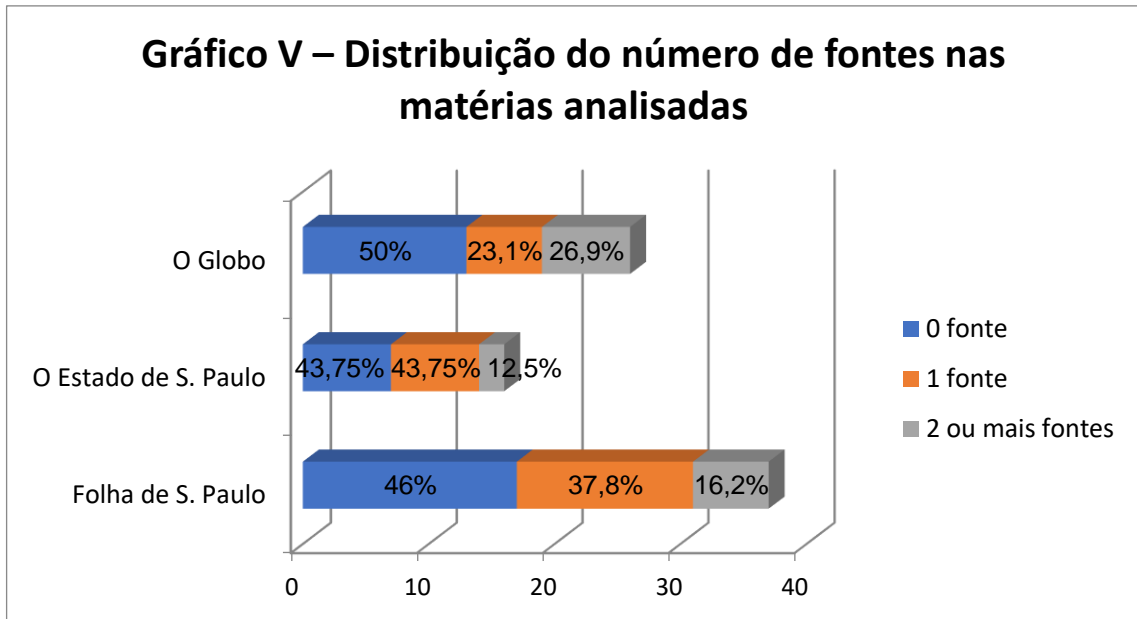
Alguns temas relacionados à desigualdade ficaram de fora da cobertura analisada. No período analisado, não foi classificado nenhum texto sobre acesso ao crédito, acesso à terra (reforma agrária), idade e expectativa de vida, e a comparação entre as condições de existência no meio rural e no meio urbano.



### 3.3 FONTES CITADAS

Assim como os temas, também foi possível mensurar o número de fontes citadas em cada texto analisado. Quase metade das matérias lidas (46,8%) não citava nenhuma fonte de informação. Mais de um terço (34,2%) traz apenas uma fonte. Menos de duas a cada dez matérias (19%) tinham duas fontes ou mais.

Observando individualmente cada veículo, nota-se que 50% dos textos de O Globo não citam nenhuma fonte e 23,1%, apenas uma. Na Folha, cerca de 46% dos textos não citam nenhuma fonte e quase 38% dos textos, apenas uma. No Estadão a distribuição é equânime: 43,75% não citam nenhuma fonte e outros 43,75% citam apenas uma fonte. O Globo foi o jornal onde foram mais mencionadas duas fontes ou mais (26,9%), acima da Folha (16,2%) e do Estadão (12,5%).



Cumprir destacar que nenhuma matéria observada trouxe fontes com pontos de vista divergentes ou concorrentes. A falta de visões diferentes e contraditórias pode estar calcada no tipo de fonte consultada. Apenas duas matérias em 79 textos traziam, por exemplo, cidadãos comuns citados (nos casos como personagem).

O baixo número de pessoas citadas nas matérias coletadas e a restrita diversidade de fontes pode ser explicado, em parte, pelo predomínio de textos opinativos sobre os textos noticiosos (escritos sob os cânones do jornalismo como, por exemplo, ouvir duas fontes).

Afora os dados quantitativos, a pesquisa permitiu avaliar os enquadramentos mais recorrentes, sejam verificados nos leads das matérias ou seja no argumento central do artigo. A seguir tratamos dos quadros de referência que são revalidados nas matérias analisadas.

**Quadro I. Informações individualizadas dos jornais.**

	Folha de S. Paulo	O Estado de S. Paulo	O Globo
Não assinada	29,7%	37,5%	23%
Assinada	70,3%	62,5%	77%
<b>Editoria</b>			
Economia	21,6%	56,25%	30,8%
Opinião	35,1%	43,75%	34,6%
<b>Tipo de texto</b>			
Noticiosa	29,7%	50%	42,3%
Opinativa	70,3%	50%	57,7%
<b>Número de fontes</b>			
0	46%	43,75%	50%
1	37,8%	43,75%	23,1%
2 ou mais	16,2%	12,5%	26,9%

#### 4. ANÁLISE DE CONTEÚDO

A leitura e classificação de matérias que tratam de desigualdade social nos principais jornais brasileiros, entre 1º de janeiro e 25 de abril de 2016 também permitem a identificação de algumas narrativas que descrevem o fenômeno, expõem as razões do problema e/ou associam ao contexto que o país viveu naquele período que antecedeu ao impeachment de Dilma Rousseff.

Para além das descrições e explicações, as narrativas contidas em leads do material noticioso (reportagens, entrevistas e notas) ou tratadas nos textos opinativos (artigos, análises e editoriais) dão acesso a visões de mundo, presentes no senso comum, que molduram a compreensão a respeito da situação econômica e política do país. Os resultados são apresentados em quadro no apêndice I.

Em parte das matérias analisadas o foco é propriamente a desigualdade social. Nesses textos, são abordados principalmente a situação de grupos sociais, os mecanismos que (segundo o publicado) forjam a iniquidade.

Outro conjunto de textos faz a discussão sobre a ascensão de alguns segmentos da sociedade ocorrida a partir dos anos 2000. Essas notícias e artigos qualificam a gestão dos governos petistas, mensurando se houve ou não melhoria do quadro social. O conteúdo assinala o mérito das políticas públicas e reconhece eventuais responsáveis. O raciocínio recorrente tenta demonstrar que os progressos começaram antes de 2003.

Se o ônus é dividido entre as administrações peessedebistas e petistas, o ônus da piora do quadro social é exclusivamente debitado ao PT. A adoção da “nova matriz econômica”, cujo os primeiros raios despontam no segundo mandato do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, é tida como a causa da recessão e do retrocesso social que despontam ainda no primeiro mandato de Dilma Rousseff.

A nova matriz econômica é relacionável aos enquadramentos que molduram o atraso brasileiro, equívocos históricos que incorreram vários governos (inclusive o PT) e para os quais eventualmente o governo Temer, àquela altura em formação, poderia ser alternativas com adoção de “novas” políticas econômicas e sociais.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta análise de conteúdo a respeito das matérias sobre desigualdade social precisam ser compreendidos a luz de conceitos sociológicos a respeito da construção social da realidade. Especificamente, a pesquisa constrói a hipótese de que há relação entre reportagens e artigos publicados na imprensa com a manutenção de valores sociais e do status quo. A ideia que se formula a partir dos dados e da interpretação é que o jornalismo tem dinâmicas capazes de interferir na “realidade” que, em princípio, estaria apenas “objetivamente” retratando.

A abordagem desse material se baseia nas ideias de enquadramento de Erving Goffman e de Robert M. Enteman (mais o paradigma do agenda-setting), complementadas especialmente pelas visões de Peter Berger e Thomas Luckmann de que “o real” é uma construção social. A realidade da vida cotidiana, ou o seu conhecimento, tem relatividade social e é “assombrada pela penumbra dos nossos sonhos”<sup>5</sup>.

Como se sabe, o pensamento não é imune às influências ideológicas do contexto social. Nesse sentido, o jornalismo é há muito tempo objeto de interesse sociológico porque é uma forma de conhecimento da realidade – uma forma especial, respaldada em critérios próprios de apuração e de disseminação, mas socialmente aceitos – os valores-notícia (WOLF, 1987).

A sociologia do jornalismo permite verificar que aquilo que é notícia está de alguma forma predefinido antes da ocorrência dos fatos propriamente dita. Em outras palavras, a forma recorrente como a imprensa moldura os acontecimentos antecipa a cobertura, e pode ser tão ou mais importante do que o evento propriamente na elaboração de uma notícia.

O jornalismo alimenta a multiplicidade de instruções do senso comum, com inúmeras interpretações sobre a realidade cotidiana, como, por exemplo, a desigualdade brasileira. Como se viu na pesquisa, essas explicações estão

---

<sup>5</sup> Extraído de BERGER, P. e LUCKMANN, T. *A construção social da realidade: um tratado sobre a sociologia do conhecimento* – Lisboa: Dinalivros, 1999 (p. 56). Segundo os autores, a penumbra ocorre porque o conhecimento é apenas um cone de luz que ilumina alguns pontos, mas omite outros tantos. “A realidade da vida cotidiana aparece sempre como uma zona transparente, para além da qual há um fundo de obscuridade. Conforme há zonas de realidade iluminadas, outras permanecem sombrias. Não posso conhecer tudo que há para conhecer a respeito dessa realidade” (Idem, 55). “O meu conhecimento da vida cotidiana tem a qualidade de um instrumento que abre um trilho através de uma floresta e ao mesmo tempo projeta um estreito cone de luz sobre o qual está situado logo à frente e ao redor, enquanto aos lados do caminho continua a haver escuridão” (Idem, 56).

lastreadas em padrões e enquadramentos que orientam a cobertura e tornam inteligível a versão da realidade que é traçada pela imprensa.

O jornalismo lida com o conhecimento prescrito e é uma das fontes sociais para a formação de opiniões. Nesse sentido, o jornal é um repositório de informações percíveis, mas de valores permanentes. O que escreve de factual remota a valores acumulados socialmente sobre, por exemplo, a desigualdade social, as razões da iniquidade, a quem compete falar a respeito e quais são as saídas<sup>6</sup>.

Há tipificações ou visões de mundo que dirigem a redação e a leitura da notícia. A compreensão dos “fatos” está previamente partilhada entre repórteres, articulistas, fontes de informação e público.

Esse juízo é reafirmado rotineiramente no amplo espaço social da produção (e da leitura) da notícia. Em outras palavras, na “quase-interação mediada” de jornalistas (e fontes) com leitores há expectativas recíprocas e coincidentes sobre o que interessa ser dito, publicado e conhecido<sup>7</sup>. Nesse sentido, o jornalismo é uma forma conservadora de conhecimento da realidade. Uma notícia nova e atual confirma um sentimento antigo<sup>8</sup>.

Como vimos, as notícias têm enquadramentos prévios (e repetitivos) que dirigem a atenção dos jornalistas e satisfazem os interesses da opinião pública. Dentro das redações, esses enquadramentos são regidos pelas regras do método jornalístico – como foi dito, os valores-notícia que orientam o trabalho de pauteiros, repórteres e editores, e também correspondem às maneiras de ver dos leitores.

---

<sup>6</sup> O estabelecimento de valores e a sua institucionalização se dão por “habituação”, conforme BERGER e LUCKMANN (1999). A cobertura da imprensa é uma habituação que economiza o tempo e o esforço da aprendizagem e dá um fundamento estável para as atividades humanas.

<sup>7</sup> A expressão “quase-interação mediada” é do sociólogo inglês John B Thompson (2001) e se refere às relações sociais estabelecidas pelos meios de comunicação de massa antes do advento da internet, sem reciprocidade inter-pessoal direta e dialógica, cujo os conteúdos são produzidos, a princípio, para um número indefinido de receptores potenciais. A direção da comunicação é em sentido único: do produtor para o receptor, que tem autonomia para parar de ler a notícia ou desligar o rádio e a televisão. Nas situações de quase-interação mediada o produtor, por sua vez, não tem feedback contínuo e imediato do público remoto (ou da plateia) como ocorre nas situações de interação presencial entre os interlocutores. A meu ver, essa noção de quase-interação respeita as concepções interacionistas do sociólogo canadense Erving Goffman (1922-1982). Apesar deste autor ter se referido especialmente a contextos dialógicos, a sua concepção de interação contempla que há uma “assimetria fundamental no processo de comunicação”. Assim como ocorre nas situações de quase-interação mediada, “o indivíduo [o ator emissor] presumivelmente só têm consciência de um fluxo de sua comunicação, e os observadores [a plateia receptora] têm consciência deste fluxo e de um outro” (GOFFMAN, 2009: 16).

<sup>8</sup> Como disse Goffman, “falar da situação 'atual' (...) significa permitir que o leitor e o autor mantenham tranquilamente a sua impressão de que sabem claramente o que estão pensando e concordam sobre isso” (GOFFMAN, 2012: 32).

As expectativas recíprocas determinam o que é notícia, o que é mais importante na informação veiculada, a escolha das fontes, a seleção das aspas, a referência a figuras públicas, documentos e a instituições, a preferência por alguns dados numéricos, a indicação do contraditório e alternativas, a recuperação da história e até o uso de expressões, metáforas e analogias.

O jornalismo, ao cumprir suas funções de informar a sociedade – inclusive observando, os critérios objetivos de trabalho e alimentando o espírito crítico da opinião pública, etc. – contribui para a agnosia em torno de alguns assuntos e aspectos da realidade. E essa cegueira moral é funcional para a estabilidade de estruturas sociais. Assim, os enquadramentos da imprensa perpetuam versões dos fatos que contribuem para a reprodução simbólica da sociedade.

Conforme visto, a parte majoritária dos textos que citam a desigualdade social é publicada nas seções de opinião dos jornais. Os artigos de fundo têm um repertório maior de enquadramentos onde se identifica causas e consequências da iniquidade no Brasil e também se projeta leituras sobre a crise econômica e, especialmente, sobre a responsabilidade do governo Dilma Rousseff pelo infortúnio (desde o primeiro mandato).

O desarranjo foi causado pela adoção da nova matriz econômica que teve entre outros malefícios interromper a trajetória de ascensão social de parte da população, iniciada ainda nos anos 1990.

Os textos analisados identificam os mecanismos da injustiça social e os dramas humanos por causa da desigualdade vividos pelas mulheres, negros e jovens, especialmente os pobres. Apesar disso, esses sujeitos não têm aparição ativa nas matérias analisadas: são poucos citados sejam como testemunhas, personagens ou opinantes.

Em parte, é possível explicar esse viés por causa do predomínio editorial, pois é no conteúdo noticioso que recai a cobrança de objetividade e observação dos “dois lados” da notícia. Porém também é possível conjecturar que na rotina de produção jornalística (de artigos e reportagens), fontes institucionais ganham mais espaço como autores e interlocutores do que cidadãos comuns.

Uma alternativa a esse problema, a ser eventualmente testada uma pesquisa, seria adoção de procedimentos editoriais que privilegiassem o contraditório como valor-notícia e a polissemia de fontes e narrativas nas matérias como um recurso necessário para a interpretação dos fatos e a construção da realidade.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Jakson Ferreira de. **A FICHA NÃO CAIU!** Imprensa e desigualdade social no Brasil a partir do caso da ficha falsa de Dilma Rousseff na Folha de S. Paulo. Disponível em: < <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/04/Jakson-Ferreira-de-Alencar.pdf>>. Acesso em: 18 de agosto de 2017.

BERGER, P. e LUCKMANN, T. **A construção social da realidade:** um tratado sobre a sociologia do conhecimento. Lisboa: Dinalivros, 1999.

BRASIL. Ministério da Fazenda. **Relatório da Distribuição Pessoal da Renda e da Riqueza da População Brasileira.** Disponível em: < <http://www.fazenda.gov.br/centrais-de-conteudos/publicacoes/transparencia-fiscal/distribuicao-renda-e-riqueza/relatorio-distribuicao-da-renda-2016-05-09.pdf>>. Acesso em: 21 de agosto de 2017.

CARDOSO, Adalberto Moreira. Desigualdade, injustiça e legitimidade: uma investigação empírica sobre aspectos da sociabilidade brasileira. In: SCALON, Celi (ORG). **Imagens da desigualdade.** Rio de Janeiro: Editora UFMG, 2004. p. 115-175.

ENTMAN, R.. Framing: towards clarification of a fractured paradigm In: **Journal of Communication** 43 (4), 2007.

\_\_\_\_\_. **Framing Bias:** Media in the Distribution of Power In: *Journal of Communication* 57, 2007.

GOFFMAN, E. **A representação do Eu na Vida Cotidiana.** Petrópolis: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. **Estigma:** notas sobre a manipulação da identidade deteriorada – RJ: LTC, 2008.

\_\_\_\_\_. **Os momentos e os homens.** Lisboa: Relógio D'Água, 1999.

\_\_\_\_\_. **Os quadros da experiência social:** uma perspectiva de análise. Petrópolis: Vozes, 2012.

JAGUARIBE, H. **No limiar do século 21.** Disponível em: <<http://www.academia.org.br/artigos/no-limiar-do-seculo-21>>. Acesso em: 08 de agosto de 2017.

MAIA, Katia. Vamos falar sobre desigualdade? In: Le MONDE. **Cada vez mais desigual?** Disponível em: <<https://www.oxfam.org.br/sites/default/files/arquivos/Oxfam%20Brasil%20-%20Cada%20vez%20mais%20desigual.pdf>>. Acesso em: 21 de agosto de 2017.

OXFAM. **Uma economia para os 99%.** Disponível em: <[https://www.oxfam.org.br/sites/default/files/economia\\_para\\_99-relatorio\\_completo.pdf](https://www.oxfam.org.br/sites/default/files/economia_para_99-relatorio_completo.pdf)>. Acesso em: 21 de agosto de 2017.

PNUD. **Human Development Report 2016:** Human Development for Everyone. Disponível em:

<<http://www.br.undp.org/content/dam/brazil/docs/RelatoriosDesenvolvimento/undp-br-2016-human-development-report-2017.pdf>>. Acesso em: 08 de agosto de 2017.

SOUZA, Jessé. Modernização periférica e naturalização da desigualdade: o caso brasileiro. In: SCALON, Celi (ORG). **Imagens da desigualdade**. Rio de Janeiro: Editora UFMG, 2004. P. 75-113.

SPINK, Mary Jane; SPINK, Peter. Introdução. In: SPINK, Mary Jane; SPINK, Peter (ORG). **Práticas cotidianas e a naturalização da desigualdade: Uma semana de notícias nos jornais**. São Paulo: Cortez, 2006. p. 7-16.

SPINK, Peter. A desigualdade cotidiana – a naturalização das materialidades territoriais. In: SPINK, Mary Jane; SPINK, Peter (ORG). **Práticas cotidianas e a naturalização da desigualdade: Uma semana de notícias nos jornais**. São Paulo: Cortez, 2006. p. 88-108.

WOLF, M. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1987.



## APÊNDICES

### Formulário: **A cobertura da pauta de desigualdade em tempos de crise política**

1. Nome do jornal:

- Correio Braziliense
- Folha de S. Paulo
- O Estado de S. Paulo
- O Globo
- Valor Econômico

2. Título do texto:

\_\_\_\_\_

3. Autor(es):

- Não assinado
- Assinado

4. Por quem? (Anote o nome dos autores)

\_\_\_\_\_

5. Data de publicação:

\_\_/\_\_/\_\_\_\_

6. Editoria que publicou o texto (marque somente uma opção):

- Carta do leitor
- Cultura
- Economia
- Esporte
- Internacional
- Local/Cidade/Cotidiano/Geral
- Nacional/País/Brasil
- Opinião/editorial
- Política
- Outro

7. Se outro, qual?

\_\_\_\_\_

8. Tipo de texto (marque somente uma opção):

- Análise de notícia
- Artigo de colaborador permanente (não jornalista)
- Artigo de convidado eventual (jornalista ou não)
- Carta do leitor
- Charge
- Coluna de jornalista
- Crítica
- Crônica
- Editorial
- Entrevista
- Ilustração
- Infografia
- Nota
- Reportagem
- Outro

9. Se outro, qual?

\_\_\_\_\_

10. Qual o lead da matéria? (transcreva em caso de textos noticiosos)

\_\_\_\_\_

11. Qual o argumento central? (transcreva em caso de textos opinativos)

\_\_\_\_\_

12. Que tipo de desigualdade o texto aborda (múltipla resposta):

- Acesso à cultura
- Acesso a serviços básicos (água, luz, esgoto, lixo)
- Acesso à tecnologia
- Acesso à terra (questão fundiária)
- Acesso ao crédito
- Atendimento à saúde
- Comportamento/hábitos
- Condições de habitação
- Consumo
- Cor/raça

- Diferenças regionais
- Escolaridade/Acesso à educação
- Expectativa de vida
- Gênero
- Idade
- Indicadores socioeconômicos (IDH, Gini)
- Mercado de trabalho
- Mobilidade/transporte
- Pagamento de impostos
- Participação política
- Recebimento de benefícios
- Renda/Salário
- Risco de violência
- Segurança alimentar/Fome
- Vida urbana (centro/periferia ou asfalto/favela)
- Zona urbana/Zona rural
- Outra

13. Se outro, qual?

---

14. A palavra “desigualdade”, sinônimos (“iniquidade”, “diferença” ou outro), e/ou palavras relacionadas (“imparidade”, “distinção”, “desproporção” ou outra) são qualificadas no texto? Como? (transcreva a expressão completa com termos como adjetivos, advérbios e substantivos)

---

15. Número de fontes citadas (com ou sem aspas):

- Nenhuma (vá para a questão 17)
- Uma
- Duas
- Três ou mais

16. Há fontes com pontos de vista diferentes?

- Sim, com posições concorrentes ou contraditórias
- Sim, mas com visões complementares
- Não

17. Fontes citadas (anote nome, profissão e/ou cargo)

\_\_\_\_\_

18. Instituições citadas (anote nome, profissão e/ou cargo)

\_\_\_\_\_

19. O texto cita cidadão(s) comum(ns)?

- Não
- Sim, como fonte
- Sim, como personagem
- Sim, como testemunha

20. Cidadãos citados (anote nome e ocupação)

\_\_\_\_\_

21. Você sentiu falta de algum lado da história? Qual? Por que deveria ser mencionado?

\_\_\_\_\_

Quadro II – Os enquadramentos das matérias sobre desigualdade social.

<b>Lead, título e autor(es)</b>	<b>Enquadramento</b>	<b>Jornal/data</b>
<p>A mulher trabalha cada vez mais que o homem. Não se trata de opinião ou sentimento, é dado estatisticamente comprovado pelo IBGE. Em uma década, a diferença aumentou em mais uma hora.</p> <p><b>Que horas ele chega? Mulher trabalha cada vez mais que homem - Cássia Almeida / Daiane Costa</b></p>	Desigualdade afeta grupos sociais	GLO 21/2
<p>Estudo da economista do IBGE Cristiane Soares, apresentado em seminário da Associação Brasileira de Estudos Populacionais (Abep), mostra que em qualquer tipo de família, seja com filhos, com idoso, com pessoa doente em casa, a mulher trabalha mais se for casada.</p> <p><b>Casamento sobrecarrega mulher – Não assinado</b></p>	Desigualdade afeta grupos sociais	GLO 21/2
<p>Feito nas sete capitais com as mais altas taxas de homicídio entre jovens, o levantamento apontou Fortaleza como a cidade onde mais crianças e adolescentes relatam ter sofrido violência em 2015</p> <p><b>Fortaleza lidera em violência e discriminação dentro da escola - Adriana Queiroz</b></p>	Desigualdade afeta grupos sociais	FSP 21/03

<p>O Ministério da Fazenda já sofre pressão para fazer um reajuste na tabela do Imposto de Renda das Pessoas Físicas (IRPF). Segundo interlocutores da pasta, a intenção do ministro Nelson Barbosa é não adotar a medida, que tem custos para os cofres públicos e ainda contribui para a indexação da economia.</p> <p><b>PT quer correção da tabela do IR este ano – Não assinado</b></p>	<p>Governo deveria rever impostos</p>	<p>EST 15/1</p>
<p>Empresários do setor industrial cobraram cortes nos gastos do governo e reformas estruturais para que o país retome o crescimento econômico. A Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan) e a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), as duas principais organizações do setor, também se uniram contra o aumento de impostos, apontado como uma ameaça à recuperação da economia.</p> <p><b>Setor produtivo cobra corte de gasto público e reformas estruturais – Não assinado</b></p>	<p>Governo deveria rever impostos</p>	<p>GLO 4/3</p>
<p>O sistema previdenciário do Brasil é classificado como um dos mais insustentáveis do mundo, de acordo com estudos internacionais.</p> <p><b>Previdência brasileira é frágil, indica estudo internacional – Eduardo Cucolo</b></p>	<p>Governo deveria rever impostos</p>	<p>FSP 25/3</p>
<p>A mudança nas regras da aposentadoria por tempo de contribuição que entrou em vigor em dezembro, com a flexibilização do chamado fator previdenciário, vai agravar ainda mais as contas da Previdência Social.</p> <p><b>Nova regra elevará gasto com benefícios em R\$ 23,7 bi por ano - Geralda Doca</b></p>	<p>Governo deveria rever impostos</p>	<p>GLO 18/4</p>
<p>O aumento do desemprego deve estancar ou até mesmo reverter a melhora social observada nos últimos anos. No período de crescimento econômico, entre 2004 e 2013, a formalização do mercado de trabalho e os aumentos reais dos salários ajudaram a melhorar o quadro social da economia brasileira.</p> <p><b>Aumento do desemprego deve piorar distribuição de renda - Luiz Guilherme Gerbelli</b></p>	<p>Piora o quadro socioeconômico</p>	<p>EST 16/03</p>
<p>As famílias de baixa renda foram as mais castigadas pela inflação em 2015. O indicador divulgado ontem pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), e que mede a movimentação de preços sentida por famílias com renda mensal de R\$ 2,1 mil, chamado IPC-Ci, avançou 11,52% em 2015. Essa foi a maior alta da série, iniciada em 2004. A inflação dos mais pobres</p>	<p>Piora o quadro socioeconômico</p>	<p>EST 7/1</p>

<p>subiu mais do que o IPC da FGV, que mede a média dos preços ao consumidor e avançou 10,53%.</p> <p><b>Mais pobres foram os que mais sofreram com inflação em 2015 – não assinado</b></p>		
<p>Entre 2014 e 2015, renda per capita em paridade do poder de compra recua de US\$ 16,2 mil para US\$ 15,7 mil.</p> <p><b>País empobrece em relação a emergentes - Érica Fraga</b></p>	Piora o quadro socioeconômico	FSP 14/2
<p>A recessão acentuou o desemprego de janeiro e levou junto a renda dos trabalhadores. Se historicamente, o primeiro mês do ano já é ruim para o mercado de trabalho por causa da dispensa dos trabalhadores temporários, este ano a situação foi ainda pior: a taxa de desemprego chegou a 7,6%, a maior para o mês desde 2009. Em janeiro de 2015, o índice ficou em 5,3%.</p> <p><b>Desemprego de janeiro é o maior em sete anos, e renda cai 7,4% - Não assinado</b></p>	Piora o quadro socioeconômico	GLO 26/2
<p>Em um ano marcado pela deterioração do mercado de trabalho e piora da atividade econômica, o avanço na renda do brasileiro perdeu para a inflação. Segundo dados divulgados ontem pelo IBGE, o rendimento domiciliar per capita no país cresceu 5,8% em 2015, para R\$ 1.113, sem considerar a alta de preços no período.</p> <p><b>Renda das famílias cresce metade da inflação em 2015 – Não assinado</b></p>	Piora o quadro socioeconômico	GLO 27/2
<p>O Brasil chegou ao fim de 2015 com o primeiro registro de aumento na desigualdade desde a virada do século.</p> <p><b>Brasil volta a concentrar renda após década de avanços - Fernando Canzian</b></p>	Piora o quadro socioeconômico	EST 23/3
<p>A recessão e as crises política e fiscal do ano passado levaram o Brasil a registrar pela primeira vez desde 1992 a combinação de queda na renda com o aumento da sua desigualdade.</p> <p><b>Brasil volta a concentrar renda após década de avanços - Fernando Canzian</b></p>	Piora o quadro socioeconômico	FSP 24/3
<p>O Brasil registrou na média uma pequena alta na desigualdade ao fim de 2015.</p> <p><b>Crise aumenta desigualdade de renda do trabalho em São Paulo - Bruno Villas Boas</b></p>	Piora o quadro socioeconômico	FSP 25/4

Quadro III – Argumentos centrais das matérias.

Argumentos	Enquadramento	Jornal/data
<p>...Nas escolas públicas que estão entre as 20% de piores resultados em matemática, 77,2% dos alunos são de famílias que estão no grupo das mais pobres do país, de acordo com um indicador de nível socioeconômico criado pelo MEC. No outro extremo, de escolas com melhores resultados, a proporção de alunos mais pobres cai a apenas 19,8%.</p> <p>Se esse quadro fosse fruto apenas do esforço pessoal de cada estudante, o resultado seria menos incômodo. Mas ele reflete também o acesso diferenciado às escolas. Mesmo dentro da rede pública, um padrão fica muito claro: quanto mais pobre um estudante, maior a chance de ele estar matriculado num colégio com pior infraestrutura.</p> <p><b>Sobre mérito e igualdade – Antônio Gois</b></p>	Desigualdade afeta grupos sociais	GLO 8/2
<p>Alunos pobres encontram dificuldade muito maior para aprender e escapar do círculo vicioso que leva do mau desempenho ao atraso e ao abandono da escola. Não há de fato igualdade de oportunidades, porque eles já largam em desvantagem no longo percurso que deveria culminar numa formação e num nível de renda dignos.</p> <p><b>Atraso na Educação - Editorial</b></p>	Desigualdade afeta grupos raciais	FSP 10/2
<p>É insensato, por outro lado, negar que, de 2003 a 2011, beneficiado por uma excepcional expansão externa, o Brasil melhorou: cresceu média 4,1% a.a. - 40% acumulado, aumentou a igualdade de oportunidades, reduziu a desigualdade, manteve a inflação relativamente controlada, gerou superavit primários médio de 3,1% do PIB e estabilizou a relação Dívida Bruta/PIB (após reduzi-la) em 52% do PIB. Infelizmente, para controlar a inflação valorizou a taxa de câmbio e destruiu a indústria nacional!</p> <p><b>Será o fim - Antonio Delfim Netto</b></p>	Houve ascensão social	FSP 2/3
<p>O relevante é a exposição de um esquema relativamente antigo pelo qual os ultrarricos fogem do pagamento de impostos pela via de contas em paraísos fiscais.</p> <p><b>Olhe, você está sendo roubado – Clóvis Rossi</b></p>	Mecanismos de desigualdade	FSP 7/4
<p>Uma das maiores preocupações no Brasil hoje é o aumento do desemprego, que afeta não só os que perderam o trabalho e suas famílias, mas a economia como um todo. Essa crescente insegurança reduz as intenções de consumir, tomar empréstimos e investir,</p>	Mecanismos de desigualdade	FSP 10/4

gerando mais desemprego.		
<p><b>Empregando soluções - Henrique Meireles</b></p> <p>A verdade inconveniente é que a contestação desses contratos, depois de 20 anos, é um tiro pela culatra. Além de infringir uma regra universal do sistema de crédito, o saldo abatido das dívidas estaduais seria colocado à conta da União e custeado com mais endividamento ou mais impostos.</p> <p>Significa ainda que 82% do abatimento dos saldos se traduzem em benefício direto aos quatro Estados mais ricos e mais endividados, o que, além de um problema moral, contribui para esgarçar ainda mais o federalismo e agravar a desigualdade regional.</p> <p>Precisamos retomar a trajetória da racionalidade, da estabilidade das regras, da solidariedade federativa e geracional, do uso responsável, legítimo e eficiente dos recursos públicos. São esses os valores que precisam nos afastar do desespero e nos unir na construção de dias melhores para o Brasil.</p>	Mecanismos de desigualdade	FSP 25/4
<p><b>A verdade inconveniente – Paulo Hartung</b></p> <p>A Lei Rouanet demonstrou ser incapaz de dar conta desse desafio, contemplando apenas parte do universo complexo da cultura. Em sua aplicação, a Rouanet privilegiou de maneira muito evidente o mecanismo de incentivo fiscal à cultura, que é uma prática legítima, mas que não pode ser a única opção potente. Um exemplo dessa limitação é a desigualdade regional. Por exemplo: tudo que o Norte e o Nordeste captaram em 24 anos equivale à captação do Sudeste apenas em 2015. É urgente um novo marco regulatório para a política nacional de fomento à cultura</p>	Mecanismos de desigualdade	GLO 13/2
<p><b>Procultura: um passo adiante - Carlos Paiva</b></p> <p>O déficit da Previdência Social (pública e privada) chegou a R\$ 164 bilhões em 2015. E será muito maior daqui para a frente. Já que estou fazendo perguntas a respeito da disponibilidade de recursos, adianto mais algumas que envolvem outros desequilíbrios criados por lei: há recursos para manter os filhos das famílias ricas nas universidades públicas gratuitamente? Há recursos para manter uma jornada de apenas 6 horas para bancários, 5 horas para jornalistas e 4 horas para advogados? Se, de um lado, não há recursos, deve-se dizer que nada disso é ilegal. São desequilíbrios criados e sustentados pelas leis vigentes. É isto mesmo: muitas das nossas leis são fontes de graves desigualdades sociais. E isso se</p>	Mecanismos de desigualdade	EST 23/2



<p>aplica a vários dispositivos constitucionais. No Contrato Social de 1762, Rousseau dizia: "Sem e perguntarem como puderam os homens chegar a tanta desigualdade, eu não sei responder. Mas, sem e perguntar em como pôde tamanha desigualdades er legitimada, isso eu sei responder... A legitimação veio das convenções criadas pelos próprios homens (as leis). Afinal, o direito nada mais é do que o poder convencionado" (Jean-Jacques Rousseau, Discurso sobre a desigualdade, in Obras, Rio de Janeiro: Ed.Globo,1958).</p> <p><b>Reconhecendo as pedras no caminho - Oliveiros S. Ferreira</b></p>		
<p>A questão central está na organização do Estado. Enquanto diversos grupos de interesse dispõem de acesso privilegiado a volumosos recursos, o restante da população discute por migalhas.</p> <p>Lembre-se do BNDES, que, sob critérios obscuros, permite a grupos empresariais acesso a dezenas de bilhões de reais em empréstimos subsidiados. Recorde-se dos incontáveis sindicatos que se apropriam de impostos sem contrapartida.</p> <p><b>Governos mínimos - Editorial</b></p>	Mecanismos de desigualdade	FSP 24/4
<p>A flexibilização parece fazer sentido e é um caminho já adotado em vários países, mas não é isenta de riscos. Um deles é o de aumento da desigualdade, já que jovens de maior nível socioeconômico têm, como demonstrou a pesquisa do Cenpec, melhores condições de optar por escolas de melhor qualidade e por uma trajetória que trará mais benefícios no futuro.</p> <p><b>Ensino médio em pauta – Antônio Gois</b></p>	Mecanismos de desigualdade	GLO 7/3
<p>Suas causas são as já exaustivamente debatidas falta de acesso a oportunidades iguais para todos, mas, sobretudo, a concentração de renda. O racismo estruturado dentro do Estado e nas representações na vida pública é instrumento da manutenção dessas desigualdades. A corrupção é uma das práticas de relação com o Estado que também mantém círculos de poder para poucos. É comum escutarmos que só o acesso à educação de qualidade pode diminuir a longo prazo essas desigualdades e suas formas de manutenção. Mas a diminuição da desigualdade não pode ser um projeto apenas de futuro. Ela é uma dimensão de nosso tempo presente.</p> <p>O que queremos ressaltar aqui, entretanto, é que a atual crise política expõe a fragilidade de um modelo de representação que não dá mais conta dos sujeitos do novo tecido social brasileiro. Eles trazem uma</p>	Mecanismos de desigualdade	GLO - 8/3

<p>demanda por uma nova forma de se fazer política? Sim! Mas, sobretudo, exigem um lugar claro para a diminuição das desigualdades.</p> <p>O maior desafio do país é a desigualdade social, é preciso lembrar sempre! Políticas para sua superação não podem ser apenas um plus, uma benevolência, de quando estamos em momentos de "bonança" na economia.</p> <p>O discurso da moralidade — bem e mal, puros e impuros — não será suficiente para criar o pacto de que a sociedade brasileira precisa na superação da crise política. Mostrar claramente quais são as propostas de continuidade da diminuição das desigualdades é um pressuposto básico.</p> <p><b>Ainda desigual – Marcus Faustini</b></p>		
<p>Fica claro que o grau de legitimidade e de capacidade de minorara enorme desigualdade e pobreza não é igual para todos os itens da lista. Vários, pelo contrário, agravam nossa desigualdade e elevam a pobreza. será necessário definir objetivos para cada programa, avaliá-los e reajustar ou eliminar o que não se justifica.</p> <p>...Penso que os mercados subestimam fortemente a natureza de nossos desequilíbrios estruturais.</p> <p>As ruas estão erradas. Nossos problemas estruturais se devem a uma série de benefícios, regimes especiais, isenções e privilégios, com variados graus de legitimidade, que foram adicionados à legislação. O resultado é que o gasto público cresce além do crescimento da economia nos últimos 25 anos.</p> <p><b>Ceticismo com o governo Temer – Samuel Pessôa</b></p>	Mecanismos de desigualdade	FSP 20/3
<p>A origem do desastre foi a pretensão de um grupo de políticos e economistas, liderados pela presidente da República, de que seria possível gerar crescimento econômico, supostamente com menos desigualdade, por meio do aumento dos gastos e do endividamento públicos, da utilização de crédito dos bancos públicos para aumentar o consumo e prover crédito subsidiado para as empresas, do controle de preços administrados, como energia elétrica, combustíveis, transporte coletivo, etc. Ou seja, bastaria uma intervenção "correta e bem-intencionada" do governo para que o País conseguisse gerar mais riqueza, mais crescimento e mais igualdade.</p> <p>Como essa pressuposição está totalmente</p>	Nova matriz econômica	EST 1/1

<p>equivocada, o resultado foi o oposto do esperado: menos crescimento, mais desemprego, mais desigualdade. Crescimento exige sacrifício do consumo presente, aumento da poupança e transformação desta poupança em investimento, tanto em capital físico quanto em capital humano (educação) e, portanto, ganhos de produtividade. Mais igualdade exige uma distribuição mais igualitária da qualidade da educação pública e sacrifício de consumo presente para se dedicar ao investimento em educação. O papel do governo é oferecer educação pública de qualidade em todos os níveis e acessível a todos os estratos da população. Algo que o governo brasileiro está longe de fazer.</p> <p><b>Uma ponte para o passado – José Márcio Camargo</b></p>		
<p>Quem é liberal na economia e conservador sobre limites nos gastos públicos sente desespero com o fim do ambiente de crescimento, controle fiscal e distribuição de renda que vigorou no Brasil até o governo Dilma. Muita gente atribui esse passado positivo sob Lula ao "boom" das commodities até 2008/2009. Não foi só isso.</p> <p>O Brasil empinou e tinha tendência de alta mesmo depois do período mais agudo da crise global. Em 2010, o país cresceu 7,5%. Foi a chama da nova matriz econômica quem nos arruinou, com as políticas de esquerda e de intervenção do Estado adotadas por Dilma.</p> <p>Em 2015, enquanto o Brasil encolheu chocantes - 3,8%, o mundo cresceu 3,1%, os emergentes 4% e o México 2,5%. Não vêm daí nossos problemas, nem do aumento na desigualdade de renda. Em termos de sua distribuição, os 13 anos do PT no poder levaram a uma melhora recorde no indicador. Ela só se deu porque o ambiente de negócios (até meados de Dilma 1) favoreceu o mercado.</p> <p><b>O que quer a esquerda? - Fernando Canzian</b></p>	Nova matriz econômica	FSP 21/3
<p>O Brasil em crise, e os nossos zilionários calados. Quando a vida aperta, os pobres gritam, e os ricos se calam, diz um ditado. Escrevi algumas vezes que a tradição brasileira de "políticas públicas" inspirava-se na "caridade". Numa virtude teologal que, ao lado da fé e da esperança, faz parte de um quadro religioso. O resultado é uma sociedade na qual cada qual e todos sabem o seu lugar e tanto os ricos quanto os ideologicamente iluminados continuam falando dos pobres, mas garantindo suas famílias. A caridade tem</p>	O atraso brasileiro	GLO 6/1

<p>sido implacavelmente canibalizada pela política do dar para receber. O resultado é uma enorme sociedade pelo governo.</p> <p><b>As coisas mudam, Roberto - Roberto DaMatta</b></p>		
<p>a persistente desigualdade brasileira é fruto do efeito cumulativo de uma série de políticas públicas, que, em geral, evoluem apenas lentamente em períodos democráticos.</p> <p><b>Os ricos e a desigualdade no Brasil – Pedro Ferreira de Souza</b></p>	O atraso brasileiro	FSP 3/2
<p>Dá-se pouca atenção, contudo, a um terceiro desafio que o país mal começa a enfrentar: a desigualdade.</p> <p><b>Atraso na educação - editorial</b></p>	O atraso brasileiro	FSP 10/2
<p>O drama do país é a criação de dois grupos que defendem ideias complementares, mas que estão postas como inimigas. Um defende avanço social. O outro, a estabilização. O primeiro crê que só houve progresso social em governos petistas. O outro, que só o PSDB sabe manter a inflação e as contas em ordem. Um acredita que conquistas sociais vêm antes do equilíbrio fiscal. O outro não vê vantagens de certos gastos.</p> <p>Essa armadilha em que o debate entrou simplifica as várias complexidades do país. O Brasil não é simples, não cabe em reducionismos. É como se quem fizesse parte da ideia de que a economia deve permanecer estável e os gastos públicos sob controle tivesse que abandonar o sonho de viver num país com menos desigualdades, mais justo, com um processo virtuoso de inclusão de negros, pobres e mais poder para as mulheres.</p> <p>E tudo se passa como se um grupo político fosse o dono absoluto destas conquistas sociais e outro fosse o dono do processo que nos levou a derrotar a hiperinflação. A briga pró e contra o impeachment aprisionou esses sonhos coletivos e a cada cidadão é dada a chance de fazer apenas uma escolha nesses dois conjuntos de virtudes. Quem acompanha a cena brasileira sabe que a vitória sobre a hiperinflação tornou possível a engenharia de políticas públicas eficazes no combate à pobreza, desigualdade e exclusão. Há continuidade</p> <p>No início da semana, na "GloboNews", chamei atenção para o perfil dos deputados brasileiros. Espectadores indignaram-se com a constatação óbvia</p>	O atraso brasileiro	GLO 27/3

<p>de que, na Câmara, contam-se nos dedos os representantes de segmentos mais que visíveis na pirâmide social, caso das mulheres e dos negros. A sobrerrepresentação política dos homens brancos é um fato. Diante da diversidade brasileira, a fotografia dos parlamentares — que se repete em outras casas legislativas e também nos poderes Executivo e Judiciário — é evidência de fraqueza, não de força, uma vez que expõe uma das dimensões de nossa desigualdade histórica.</p> <p><b>Falsos dilemas – Míriam Leitão</b></p>		
<p>O explosivo embate político da hora nos reapresentou a composição homogênea, conservadora e arcaica da Câmara dos Deputados. É oportunidade para a sociedade brasileira refletir profundamente sobre as discrepâncias do modelo de escolha de nossos representantes e, quem sabe, alterá-lo. Há as eleições municipais de 2016 dobrando a esquina, e os dois anos que nos separam do pleito de 2018 passam num piscar de olhos. Apressemos-nos.</p> <p><b>Quem nos representa - Flávia Oliveira</b></p>	O atraso brasileiro	GLO 21/4
<p>A doença de nossa democracia, que se tornou patente nos últimos tempos, é principalmente de valores. O que vale, e o que não vale, no senso comum que nos domina? Percebo que a louvável compaixão pelos desvalidos degenerou-se numa crença arraigada do esquerdismo</p> <p>Penso que, mesmo enquanto o pus sai desse cancro, precisamos considerar meios mais dignos de buscar os ideais da democracia: igualdade perante a lei; igualdade de oportunidades. Precisamos repensar o que vale e o que não vale para cada um de nós.</p> <p>O principal desafio segue o mesmo de sempre, reduzir o abismo que separa os ricos dos pobres.</p> <p>E o fato de eu estar me dirigindo aos que estão no carro, não aos que estão no morro, é fruto da desigualdade: este jornal dificilmente atravessará o fosso e o insulfilm que separam o lado de cá do lado de lá.</p> <p><b>E além disso? – Francisco Daudt</b></p>	O atraso brasileiro	FSP 17/4
<p>Alguns indicadores da economia, divulgados na véspera do feriado santo, revelam a dimensão da tragédia brasileira: a recessão fechou 277 indústrias, o desemprego já atinge um em cada cinco jovens e, para culminar, depois de mais de duas décadas, o</p>	Piora o quadro social	FSP 28/03

<p>Brasil volta a registrar, ao mesmo tempo, a queda na renda e o aumento da sua desigualdade. Cai por terra, assim, a melhora na equidade social brasileira, uma marca emblemática do marketing petista</p> <p><b>Golpe contra o Brasil – Aécio Neves</b></p>		
<p>Com o aumento do desemprego cai a renda real média, o que comprime o consumo e aprofunda a crise. Não é de estranhar que, no ano passado, o Brasil tenha registrado o primeiro aumento da desigualdade de renda desde o início do século. Números como esses mostram como ficaram rotas bandeiras tradicionalmente utilizadas pelo PT nas campanhas eleitorais.</p> <p><b>A velocidade do desemprego - Editorial</b></p>	Piora o quadro social	EST 28/3
<p>Encerra-se o capítulo da "inclusão social", celebrado na marquetagem eleitoral da última década, com uma combinação nefasta de mais desemprego e declínio na renda familiar dos mais pobres (7,4%). A reversão do bem-estar social, pelo aumento na desigualdade, acaba de ser confirmada por pesquisadores como Marcelo Neri, da Fundação Getúlio Vargas.</p> <p><b>Perdidos na escuridão – José Casado</b></p>	Piora o quadro social	GLO 19/3
<p>A tendência de queda das taxas de juros reais que vinha desde a estabilização em 1994 foi revertida, o potencial de crescimento foi reduzido e criaram-se as condições para a pior recessão da história do País. Estagnação do PIB em 2014, queda de -3,8% em 2015 e estimativa de queda próxima a -4,0% em 2016, aumento do desemprego, que deverá atingir 13% da força de trabalho em 2016 e continuar a crescer em 2017, inflação de dois dígitos e inversão da tendência de redução da pobreza e da desigualdade. Dos 3,9 milhões de pessoas que haviam entrado para a chamada “nova classe média”, 2,5 milhões já perderam esse status</p> <p><b>Revolução e contrarrevolução – José Márcio Camargo</b></p>	Piora o quadro social	EST 4/3
<p>No campo da luta político-partidária e ideológica, o PT, bom de marketing e de campanha eleitoral, conseguiu fixar a imagem de que tem o monopólio da defesa dos pobres. Com o tempo, construiu a ideia de que, não fosse o lulopetismo, ninguém teria sido resgatado da miséria e da pobreza, não teria existido a "nova classe média". Quando se vai para o mundo real e a História, sem maniqueísmos, vê-se que os ganhos sociais obtidos na era PT foram parte de um encadeamento de avanços iniciados a partir do fim da</p>	Relativa ascensão	GLO 10/4

<p>gestão de Itamar Franco, com o Real, e nos dois governos tucanos de Fernando Henrique Cardoso, responsável pelo lançamento do plano quando ministro da Fazenda de Itamar.</p> <p>Infelizmente para o país, naquele auge da carreira política, Lula começou a abandonar a responsabilidade fiscal e, conseqüentemente, os cuidados com a inflação. O resultado é o que se vê, e com uma "herança maldita" para o próprio lulopetismo: a regressão dos avanços sociais, tão alardeados na propaganda como um patrimônio exclusivo do PT.</p> <p><b>Economia lulopetista provoca retrocessos sociais – Editorial</b></p>		
<p>O partido [PT] lembra sempre o aumento da renda e do consumo, e a redução da desigualdade, mas esquece que não houve melhora significativa nos serviços públicos essenciais (educação, saúde, segurança, transporte etc.).</p> <p><b>Alternância de corrupção? - Liszt Vieira e Marijane Lisboa</b></p>	Relativa ascensão	GLO 18/3
<p>A queda da desigualdade brasileira, em relação aos países comparáveis —sejam todos os emergentes ou só a América Latina—, começa em meados dos anos 1990. Com poucas exceções, entre elas Brasil e México, a desigualdade aumentou na América Latina nos anos 1990. E o fato raramente trazido ao debate público que os dados mostram claramente é que, em relação a países comparáveis, a desigualdade brasileira caiu mais fortemente nos anos 1990 do que nos anos 2000.</p> <p>Comparada com a queda absoluta observada nos 2000, a desigualdade dos 1990 pode parecer irrelevante. Mas, quando contrastada com o que aconteceu com o resto do mundo e sobretudo com conjuntos de países similares ao Brasil, a queda da desigualdade de renda nos 1990 mereceria mais atenção principalmente para o diagnóstico de que políticas poderiam nos colocar novamente nessa rota.</p> <p>Uma razão por trás disso foi a diminuição nos retornos salariais à educação nos anos 1990. Ao estudar mais, o trabalhador tem um aumento de remuneração. Esse é o chamado retorno salarial à educação. Em países nos quais a desigualdade educacional é grande, os retornos salariais da educação são elevados porque a demanda por</p>	Relativa ascensão	FSP 30/3

<p>profissionais qualificados supera muito a oferta.</p> <p><b>Anos 1990 são chave para entender queda na desigualdade - SERGIO FIRPO e JOÃO MANOEL PINHO DE MELLO</b></p>		
<p>Com sua substituição por Marcelo Neri, os textos oficiais passaram a incorporar a "nova classe média", um conceito tão sedutor quanto controverso: para ingressar na categoria bastava uma renda familiar mensal de R\$ 291 mensais por pessoa. A nova ênfase ajudava Dilma Rousseff a conseguir sócios ao centro para o triunfalismo governista. Neri, de perfil liberal, respondia à Secretaria de Assuntos Estratégicos, então ocupada pelo PMDB; estudos sobre o tema tinham patrocínio da Confederação Nacional da Indústria. Calculava-se que novos e velhos integrantes da classe média chegassem a mais da metade da população brasileira— enquanto a popularidade da presidente passava dos 60%.</p> <p><b>A velha nova classe média - Gustavo Patu</b></p>	Relativa ascensão	FSP 14/1
<p>Mesmo num período em que toda a região verificou crescimento econômico e redução da desigualdade, a proporção dos jovens de 15 a 24 anos sem estudar nem trabalhar cresceu. No Brasil, a variação foi de 11% para 14% de 1992 a 2013.</p> <p><b>Sem estudo, sem trabalho – Antônio Gois</b></p>	Relativa ascensão	GLO 25/1
<p>Seus autores lembram que os cortes de gastos públicos poderão retardar a velocidade dos avanços obtidos nos últimos anos e atrasar ainda mais a implementação de medidas destinadas a remover os gargalos do ensino básico. "Pode-se até melhorar a gestão do sistema escolar, mas é preciso construir escolas, contratar professores e comprar material. A falta de recursos tem reflexo direto nisso", adverte a presidente do Todos pela Educação. Esse é o círculo vicioso em que nos encontramos. Sem crescimento econômico, não há recursos para a educação. Mas destravar a economia, para que ela volte a crescer, criando empregos e reduzindo as desigualdades sociais, exige formação de capital humano – que só investimentos em educação podem propiciar.</p> <p><b>Avanços em risco - Editorial</b></p>	Relativa ascensão	EST 2/2
<p>Perdemos feio a guerra contra a desigualdade social. Mesmo depois de 15 anos de Bolsa Escola/Família, continuamos campeões de desigualdade, e os resultados na luta contra a fome estão regredindo por causa da inflação.</p> <p><b>Perdemos Feio – Cristovam Buarque</b></p>	Relativa ascensão	GLO 6/2



<p>O artificialismo com que foi criada a rede de proteção social do petismo está sendo demonstrado pela triste realidade, consequência de uma política econômica desastrosa, e o que parecia ser uma solução milagrosa para reduzir a desigualdade não passava de um conjunto de ações populistas que não mudaram estruturalmente as condições do país, apenas mascararam nossa tragédia social.</p> <p><b>Narrativa ridícula – Merval Pereira</b></p>	Relativa a ascensão	GLO 27/3
<p>No que diz respeito à sensibilidade social, a questão é menos caricata, mas, talvez, mais complicada. Durante os dois mandatos de Lula, a situação dos mais pobres melhorou bastante, com o país registrando avanços tanto nos rendimentos per capita como na redução da desigualdade. É preciso, porém, frisar que isso ocorreu num momento em que os ventos da economia internacional favoreciam bastante o Brasil, permitindo a Lula distribuir agrados para todos os setores da sociedade, pobres, classe média, ricos e trilhadrários –daí os mais de 80% de popularidade que ele atingiu.</p> <p><b>Material para auto-crítica - Hélio Schwartzman</b></p>	Relativa ascensão	FSP 28/3
<p>O PMDB está anunciando que lançará um programa social. As propostas não são conhecidas ainda, mas, em 2002, apresentou um conjunto de medidas no documento "Tirando o Atraso, Combater a desigualdade Já", também coordenado por Moreira Franco. Nele, o Bolsa Família era chamado de Seguro Social Universal; e o Farmácia Popular era a Cesta Básica de Remédios. O objetivo de todas elas era o combate à pobreza.</p> <p>A sigla propunha a adoção do sistema de cotas e de um sistema de bolsas de estudos semelhantes aos dos governos petistas. Defendia acabar com privilégios dos funcionários públicos na aposentadoria e que os planos de saúde ressarcissem o Estado quando seus clientes fossem atendidos pelo SUS. Na nova proposta, o Bolsa Família, o Minha Casa Minha Vida e o Farmácia Popular devem ser mantidos. Mas a novidade deve vir de um conjunto de ideias para combater a desigualdade de oportunidades</p> <p><b>PMDB já vislumbra 2018 – Ilmar Franco</b></p>	Temer tem um plano	GLO 28/3
<p>Temer também tem um novo documento sobre política social prestes a sair do forno. Propõe-se ali uma nova geração de intervenções para melhorar e expandir os programas existentes. Desta vez, a ênfase está na eficiência do gasto público, única forma de garantir redistribuição de renda num cenário econômico adverso. O documento busca tirar do PT</p>	Temer tem um plano	FSP 31/3

imagem de fiador exclusivo do combate à pobreza e à desigualdade. <b>A estratégia de Temer – Matias Spektor</b>		
--	--	--

